

**REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP**

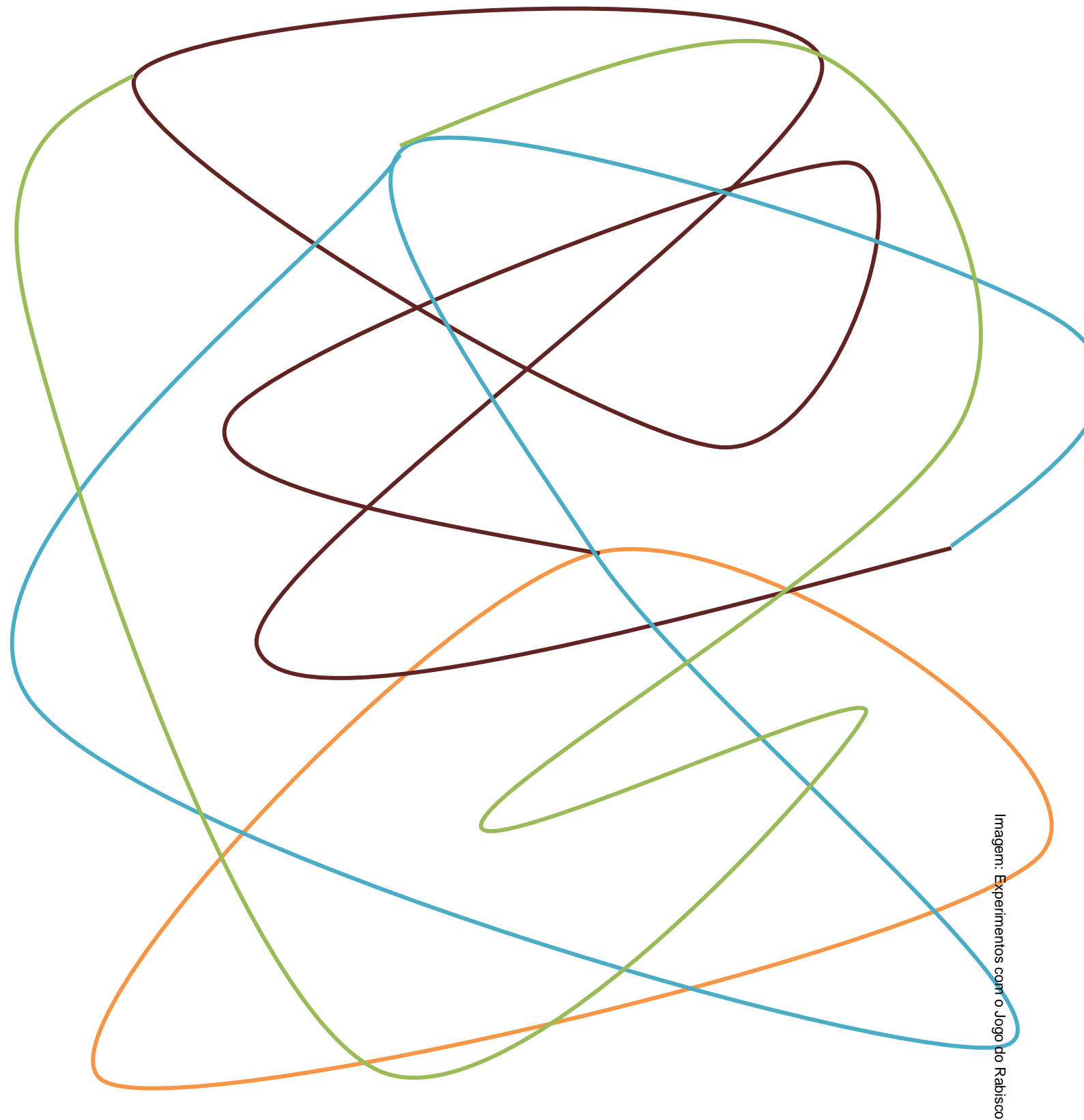


Imagem: Experimentos com o Jogo do Rabisco

## REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

**Publicação:** Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

### APRESENTAÇÃO

A Revista Arteterapia da AATESP é uma publicação científica da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, disponível no formato CD-ROM e também passível de acesso por meio do site da AATESP – [www.aatesp.com.br/artigos.htm](http://www.aatesp.com.br/artigos.htm). Foi iniciada no ano de 2010 com o intuito de acolher as produções advindas dos associados e demais autores interessados na difusão e aprofundamento do conhecimento na área de Arteterapia, com periodicidade semestral.

### LINHA EDITORIAL

A Revista Arteterapia da AATESP tem como objetivo publicar trabalhos que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia e áreas afins. Busca incentivar a pesquisa e reflexão, de cunho teórico ou prático, acerca da inserção da Arteterapia e de seus recursos nos diversos contextos na atualidade, contribuindo para o aprofundamento da compreensão sobre o ser humano, a Arteterapia e suas relações.

### GRUPO EDITORIAL

Contato: [textos.aatesp@gmail.com](mailto:textos.aatesp@gmail.com)

#### Editora:

Dra. Maíra Bonafé Sei – AATESP

#### Conselho Editorial:

Ms. Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti – AATESP

Esp. Margaret Rose Bateman Pela – AATESP

#### Conselho Consultivo:

Dra. Ana Cláudia Afonso Valladares – ABCA – FEN-UFMG

Ms. Artemisa de Andrade e Santos – UFRN/ASPOART

Dra. Barbara Elisabeth Neubarth – Secretária da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul/AATERGS

Ms. Claudia Regina Teixeira Colagrande – AATESP

Dra. Cristina Dias Allessandrini – Alquim Art

Dra. Irene Gaeta Arcuri – UNIP

Ms. Lídia Lacava – ISAL / Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Lucivone Carpintero – ASBART

Ms. Mailde Jerônimo Trípoli – CEFAS-Campinas

Dra. Maria de Betânia Paes Norgren – Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Mônica Guttmann

Esp. Oneide Regina Depret – UNIP

Dra. Patrícia Pinna Bernardo – UNIP

Esp. Sandro Leite – PUCSP/FMU

Dra. Selma Ciornai – Instituto Sedes Sapientiae

Dra. Sonia Maria Bufarah Tommasi – Faculdade São Luiz

Dra. Tatiana Fecchio da Cunha Gonçalves – NAPE

#### Capa, Diagramação, Editoração e Revisão de Texto

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti

Maíra Bonafé Sei

Margaret Rose Bateman Pela

#### Ressalva

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente o pensamento dos Editores ou Conselho Editorial. Citação parcial permitida, com referência à fonte.

**REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP**

**Publicação:** Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

**ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO**

**Diretoria – Gestão 2011-2012**

**Diretora Gerente**

Claudia Regina Teixeira Colagrande

**Diretora 1ª. Secretária**

Sandra Maria Casellato Carnasciali

**Diretora 2ª. Secretária**

Marise da Silva Acher

**1ª. Tesoureiro**

Ronald Horst Sperling

**2ª. Tesoureira**

Josefa da Cunha Carvalho Garcia

**Diretores Adjuntos**

Cristina Dias Allessandrini

Maria de Betânia Paes Norgren

**Conselho fiscal**

Ideli Domingues

Izilda Carvalho Carnasciali

Maria Angela Gaspari

Marcieli Cristine do Amaral Santos

## SUMÁRIO

### **Editorial**

UM CONSTANTE CAMINHAR	01
Maíra Bonafé Sei	
Margaret Rose Bateman Pela	
Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti	

### **Artigos Originais**

ARTETERAPIA: A MUDANÇA DO OLHAR EM EDUCAÇÃO	03
Luciana Haddad Ferreira	
Millena Cristina Bonomi	
LO PSICOTERAPÉUTICO EM ARTETERAPIA	18
Alejandro Reisin	

### **Resenha**

ARTETERAPIA E RELACIONAMENTO INTERGERACIONAL	34
Mailde Jeronimo Tripoli	

### **Resumo**

ARTETERAPIA E METACONCEITOS NA TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA	37
Eliana Cecília Ciasca	
ARTETERAPIA COM ATORES: ENCONTROS, DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES	39
Silvana Di Blásio	
PSICOPEDAGOGIA À LUZ DA ARTETERAPIA: INTERFACES	40
Lilian Eloá de Mattos Johnson	

<b>Normas para Publicação</b>	<b>42</b>
-------------------------------	-----------

## Editorial

### UM CONSTANTE CAMINHAR

Maíra Bonafé Sei<sup>1</sup>

Margaret Rose Bateman Pela<sup>2</sup>

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti<sup>3</sup>

O segundo número de nossa revista chega hoje, novamente na primavera, contemplando algumas conquistas:

- O XVI Congresso Internacional de Arteterapia, realizado entre 12 e 15 de Outubro, com a participação de grande número de profissionais brasileiros e de grandes nomes da Arteterapia internacional;
- Inauguração da sede oficial da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, no dia 6 de novembro.

Apesar do crescimento, acredita-se que a Arteterapia enquanto campo de atuação profissional mostra-se como uma área ainda em gestação no território brasileiro, com buscas para um maior reconhecimento, ao se pleitear que seja vista como uma profissão e não apenas área de especialização, além do aprofundamento de práticas, pesquisas e contextos em que é empregada. O lançamento da Revista de Arteterapia da AATESP, e agora deste segundo volume, segue este panorama. Por meio de um processo que prima pela qualidade das práticas e das reflexões suscitadas por estas é que este exemplar foi configurado.

Este processo incluiu o envio de textos, o apontamento de questionamentos e correções efetuados pelos colegas pareceristas, a realização de ajustes por parte dos autores por meio de um caminhar que resultou em aprimoramento do material agora exposto. Nossas expectativas são positivas e almejam que, cada vez mais, nossos colegas arteterapeutas e parceiros de áreas afins possam trazer suas experiências ao público, em um diálogo positivo e enriquecedor. Os temas desse número são bastante relevantes e fazem jus ao tema maior “Um constante caminhar”. Os textos mesclam

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 062/0506), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP, Rua Barbosa da Cunha, 835, Campinas-SP, CEP 13073-320. Telefone: (19) 32413433. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5815968830020591>. E-mail: [mairabonafe@hotmail.com](mailto:mairabonafe@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Letras, Machenzie, SP; Psicopedagogia, Sedes Sapientiae, SP; Arteterapia (AATESP 136/0310) Rua Cintra Gordinho, 18. Cj. Alto da Lapa, SP, CEP 05083-000. Telefone: 38366363. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9540829055121326>. Email: [margaret@pela.com.br](mailto:margaret@pela.com.br).

<sup>3</sup> Educadora, Arteterapeuta (AATESP 008/1203), Mestre em Gerontologia Social, PUCSP, Rua Dr. Alberto Seabra, 364, Alto de Pinheiros, SP, CEP 05452-000. Telefone: (11) 83262005. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1118829470372302>. Email: [deolinda.fabietti@terra.com.br](mailto:deolinda.fabietti@terra.com.br)

questões acerca do emprego da Arteterapia em Educação, com as mudanças de olhares possíveis a partir desta prática, do aspecto psicoterapêutico na atuação em Arteterapia, com discussões a partir de um enfoque psicanalítico, com assinalamentos sobre as novas produções em Arteterapia ao resenhar publicações de profissionais da área. As monografias apresentadas agregam conhecimento e demonstram o enriquecimento da Arteterapia. Neste sentido, temos lido nos constantes lançamentos de livros, periódicos e materiais diversos e assistido a tantas apresentações em congressos, simpósios, jornadas e demais eventos como a Arteterapia tem se firmando no cenário profissional como uma grande ferramenta de intervenção terapêutica.

Acredita-se que a concepção da Arteterapia acerca dos seres humanos concebe-o como alguém cujo desenvolvimento é constante, com ações que podem contribuir para um aprimoramento pessoal, uma ampliação do autoconhecimento e realização dos potenciais. Este trilhar dos indivíduos pode ser fomentado pela Arteterapia, que pressupõe práticas estimuladoras do criativo e que possibilitam invenções de novas realidades, descobertas individuais, novas relações, em um processo que acaba por resultar na promoção de saúde, algo demarcado por estas contribuições.

Desfrutem!

## Artigo Original

### ARTETERAPIA: A MUDANÇA DO OLHAR EM EDUCAÇÃO<sup>4</sup>

Luciana Haddad Ferreira<sup>5</sup>

Millena Cristina Bonomi<sup>6</sup>

#### Resumo

O presente artigo tem como objetivo tecer reflexões acerca da possibilidade da contribuição da Arteterapia para a prática educativa. Mais do que enriquecer o repertório técnico em Arte, além de subsidiar teoricamente as ações docentes com base na psicologia, a vivência em Arteterapia proporciona mudança na forma de olhar para a Educação, permitindo que os sujeitos do processo educativo percebam-se e entendam o mundo de maneira mais sensível e integradora. Na visão das autoras, a dinâmica dos ateliês livres de criação revela-se importante ferramenta de construção de significados para a realidade, de autopercepção e de promoção da saúde em Educação.

**Palavras-chave:** Educação pela Arte; Arteterapia; Ateliê livre

#### Abstract

The present article aims at weaving reflections concerning the possibility of contribution of Art Therapy for the educational practice. More than adding to the technical repertoire in Art, apart from subsidizing theoretically the teaching actions on the basis of psychology,

---

<sup>4</sup> Este texto foi escrito após participação das autoras em mesa redonda com o tema: “Arteterapia em Educação” no I Simpósio de Arteterapia da Universidade São Marcos em outubro de 2006, onde apresentaram conferência com o mesmo tema.

<sup>5</sup> Aluna do programa de mestrado em Educação da Unicamp, especialista em Arteterapia pela Universidade São Marcos; especialista em Educação pela Universidade São Leopoldo Mandic com extensão e aprofundamento no Instituto Jean Piaget (Portugal). Pedagoga graduada pela Unicamp; Membro do grupo de estudos e pesquisa em educação continuada – GEPEC/Unicamp. Docente do curso de graduação em Pedagogia, atua como arte educadora e professora de Educação Básica há 12 anos. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0247458923893398>. E-mail: [nana\\_hadd@yahoo.com.br](mailto:nana_hadd@yahoo.com.br)

<sup>6</sup> Especialista em Arteterapia pela Universidade São Marcos; Pedagoga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas PUC-Campinas; Arte-Educadora, Assistente de Coordenação do Colégio Rio Branco Campinas. Atuou como professora de Educação Básica durante 10 anos. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0948947861215581>. E-mail: [millenabonomi@hotmail.com](mailto:millenabonomi@hotmail.com)

the experience in Art Therapy provides change in the way of viewing Education, allowing the subjects in the education process to be perceived and to understand the world in a more sensible and integrated way. According to the authors, the dynamics of the free spaces of creation proves to be an important tool for the construction of meanings for reality, self-perception and promotion of health in Education.

**Keywords:** Education for Art; Art Therapy; Free Spaces.

Pintar é um estrondoso choque de mundos opostos predestinados a criar juntos, na luta e a partir dela, um novo mundo que se chama obra.  
(Kandinsky)

Propomo-nos a discutir, neste artigo, a contribuição dos ateliês livres e das práticas terapêuticas expressivas para o processo educativo dos sujeitos, em especial em escolas regulares de Educação Básica. Justificamos tal recorte por perceber, em nossa própria trajetória como professoras de Educação Básica, a necessidade de contemplar a sala de aula, e as relações que nela se estabelecem, através de outro olhar. Assim, ao mesmo tempo em que este trabalho busca discutir a pertinência desta prática com grupos escolares, narra a trajetória de nossa construção pessoal de significados acerca da Educação, da Arte e da Psicologia. Trata-se de uma análise sensível que busca, além da verificação de resultados inerentes ao processo de formação vivido, compartilhar a riqueza do processo de tornar-se arteterapeuta.

Para melhor compreender o caminho percorrido, faz-se necessário saber de onde partimos e quais eram as concepções que guiavam nosso trabalho pedagógico antes de iniciarmos a jornada em Arteterapia. Como acreditamos que só palavras não bastam para exprimir coisas que nos tocam profundamente, já que “As palavras são um ‘resumo fragmentado’ do nosso sentir constante. Elas procuram sempre tomar este sentir e simbolizá-lo. Buscam significá-lo e exprimi-lo” (DUARTE JR., 1988, p. 40), optamos por compor nossas ideias com expressões poéticas, recursos que possam talvez oferecer

outras possibilidades de significação para as palavras aqui registradas, que possam completar / ampliar os sentidos do texto.

## Convergências

Cada um de nós compõe a sua história  
Cada ser em si  
Carrega o dom de ser capaz  
De ser feliz  
(Almir Sater)

Desde o início de nossas atividades como educadoras houve a preocupação de caracterizar a Arte como uma forma de expressão e construção do conhecimento, consciente e inconsciente, que permite a percepção inteira das coisas e dos sentimentos, através da articulação entre razão e emoção.

Dentre muitos outros pensadores da Educação, Paulo Freire (1983) sempre gerou forte influência em nossa formação acadêmica. Ao fundamentar sua visão, reafirma a importância de considerarmos o indivíduo como ser dotado de capacidades e atuante no meio em que vive:

O conceito de relações, da esfera puramente humana, guarda em si conotações de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de temporalidade. As relações que o homem trava no mundo com o mundo apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente das relações que é (p. 39).

Pedagogas por formação, a Arte se integrava em nossa trajetória ora como movimento expressivo pessoal, ora como recurso didático em nossas salas de aula. Faziam-se presentes, na prática cotidiana, momentos de vivência expressiva, e em

nossas reflexões percebíamos a necessidade de compreender quais pressupostos teóricos respondiam aos nossos anseios como educadoras. Assim, iniciamos leituras e atividades de formação em Arte Educação. A possibilidade de perceber a Arte na escola dentro de uma proposta crítico-reflexiva, que valoriza os conhecimentos prévios dos alunos e que garante espaço para a criação, tal qual defendem Brittain e Lowenfeld (1977) revelou-nos um “novo mundo” de possibilidades, que faziam com que questionássemos com maior propriedade propostas educativas ainda bastante recorrentes em alguns espaços, nas quais se concebe o ensino da Arte como desarticulado dos demais saberes escolares, limitando as propostas a atividades decorativas, técnicas ou exógenas ao sujeito, onde cabe ao aluno apenas seguir comandos já definidos. Nesses casos, o espaço da Arte é restrito a um momento semanal, onde as crianças exercitam atividades que pouco favorecem a expressividade. Esta não é a concepção de trabalhos plásticos que iremos adotar neste estudo. Falaremos aqui dos muitos educadores que voltam cada vez mais seus olhares para as formas de linguagem não convencionais como a música, as artes da cena, multimeios e artes plásticas, que enxergam nelas um espaço de crescimento pessoal e de sensibilização do indivíduo. Afirmamos então nossa crença na Arte-processo, na valorização do gesto expressivo, do criar livremente, pois ao propor momentos livres, podíamos observar que temas ou técnicas eram trazidas ou iniciadas muitas vezes pelas próprias crianças:

Não é necessário saber o que acontecerá em seguida ao desencadeamento de uma atividade. Esta é a particularidade do ateliê no contexto escolar. Não há preocupação com o produto final, mas sim com a realização, com a liberdade de criar e de trabalhar com as diferentes possibilidades (FERREIRA e BONOMI, 2010, p. 108).

Em nossa concepção, educar não se restringe a transferir conhecimentos prontos e acabados. Refere-se ao ato de criar possibilidades para a construção de conhecimentos

que tenham significado para o sujeito. Educar é formar, levar a uma boa forma, valorizando o indivíduo como um ser integral, portador de pensamentos e sentimentos únicos. Sendo assim, é necessário estimular o desenvolvimento de múltiplas capacidades dos alunos, que vão muito além do conhecimento sistematizado, pois incluem as capacidades reflexivas e intuitivas, além do olhar sensível e encantado para a realidade que o cerca.

Para Paulo Freire (1983), a educação só tem significado se estiver conectada com as necessidades reais dos membros envolvidos no processo, e chama de “ensino bancário” aquele que se preocupa apenas em transferir conhecimentos, sem considerar as aspirações do sujeito. Assim, a educação só faz sentido se esta lhe trazer algo que o permita compreender melhor e de forma mais crítica a si próprio e à sua cultura. A consequência deste processo é um ser sensível e consciente, capaz de apropriar-se dos conceitos e conteúdos escolares.

Transformar o mundo através do seu trabalho, dizer o mundo, expressá-lo e expressar-se é próprio dos seres humanos. A educação qualquer que seja o nível em que se vê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade (p. 24).

Mesmo antes de entender sobre Arteterapia, muitas ideias e conceitos convergiam com os desta proposta. Isto é possível uma vez que os princípios norteadores em Arteterapia, assim como em Arte Educação, trazem o sujeito como ser atuante no processo, e colocam suas necessidades como parte importante da dinâmica. Além deste, há outros pontos de convergência entre as duas práticas, agora observados por nós:

- Não há interesse na produção artística formal (estereotipada e valorizada pela crítica em Arte) e, sim, na possibilidade de ocorrência do gesto criador. Este movimento deve proporcionar ao sujeito vivências de experiências singulares, levando-o a perceber que pode apropriar-se do conhecimento e ressignificar

sua relação com o mundo a partir de sua espontaneidade e capacidade criadora.

- Prezam pela expressividade dos sujeitos, colocando a percepção sensória dos objetos e a consciência dos sentidos como necessidade primeira do trabalho desenvolvido. As propostas desenvolvidas só fazem sentido se fizerem ecoar questões subjetivas e de movimento livre entre o pensar e o sentir.
- Entendem Arte como forma de expressão não verbal, onde privilegia-se o conhecimento das coisas mesmas através da experiência e da percepção sensória da realidade. Somente após apropriar-se é possível dar sentido e atribuir significado a algo, através das possibilidades da linguagem.
- Percebem na Arte uma forma de manifestação cultural e social da humanidade, de forma que em cada produção evidencia-se não só o gesto criador daquele momento e daquele indivíduo, mas todos os seus conhecimentos prévios, sua história pessoal, as experiências historicamente construídas e a herança cultural manifestada.

Além da necessidade vinda da postura de professor-pesquisador, enquanto indivíduo, havia em nós o desejo de buscar algo novo, de conhecer a si próprio mais profundamente, visando alcançar o nosso próprio centro, nosso equilíbrio. Entendendo que a Arte é facilitadora de tais processos e que Arteterapia preocupa-se com a dimensão terapêutica das formas expressivas, voltamos nossos estudos para esta área.

## **A especificidade**

Na vida, o que aprendemos mesmo é a sempre fazer maiores perguntas.  
(Guimarães Rosa)

A prática nos fez perceber que uma das muitas facetas do ofício de ser professor é a de elaborar perguntas: questionar sua própria conduta, repensar suas estratégias e

refletir sobre sua formação devem ser um movimento cotidiano. Nestas rotineiras inquietações, percebemos que algumas de nossas questões apontavam para um mesmo caminho, o da Arteterapia.

Enquanto abordagem terapêutica, a Arteterapia se funda em saberes oriundos dos campos da Psicologia, da Filosofia e da Arte. Do ponto de vista da Psicologia respalda-se principalmente nas linhas terapêuticas humanistas (embora também observadas práticas bem sucedidas em terapia psicanalítica, por exemplo), as quais consideram o homem como ser em construção, detentor de liberdade e poder de escolha sobre sua forma de estar no mundo. Assim, acreditam que o indivíduo é possuidor de capacidade de autorrealização que o conduz ao desenvolvimento criativo e saudável.

Como pressuposto filosófico, percebe-se maior convergência com a concepção de Arteterapia, aqui apresentada, os conceitos de homem, natureza e de relação tais quais são apresentados pela fenomenologia, onde o foco de estudo está na consciência dos sujeitos na sua relação com o mundo. Pressupõe estar aberto às possibilidades e ao que poderá ocorrer na relação entre as pessoas e o meio. Dentre os estudiosos de maior representatividade desta corrente está Merleau Ponty, pesquisador que abordou em sua obra, com profundidade, a questão da relação entre os sujeitos, colocando as formas de expressão num enfoque fenomenológico. Ele nomeia como "fala autêntica" o movimento criador em que o pensamento está sendo formulado pela primeira vez. Chama de "expressão segunda" a fala que repete o que já foi ouvido, pensado, lido através de formas sistematizadas de linguagem, onde a consciência opera.

Em Arteterapia somam-se às concepções acima apresentadas o trabalho com os chamados mediadores de expressão (artes visuais, cênicas, dança, música, jogos, atividades lúdicas simbólicas, histórias, recursos multimeios), que caracterizam a abordagem terapêutica ao permitir que o indivíduo expresse o seu Eu interior de forma não-verbal, recobrando o uso da fala autêntica. Também possibilita expressar

sentimentos, emoções e desejos através de imagens e símbolos. Assim sendo, por meio das diferentes expressões artísticas, o indivíduo é incentivado a participar de um processo de criação e leitura da sua obra, tocando impreterivelmente pontos significativos e/ou conflitivos da sua vida, com a intenção de reorganizar e equilibrar os mesmos. Tendo esta nova compreensão sobre si, toda a realidade também passa a ser compreendida de maneira diferente.

A Arte pode ser vista, em Arteterapia, como produção criativa e significativa do indivíduo, com a qual este se relaciona intimamente, sem preocupações com estereótipos ou padrões. “E esse ‘belo’ só pode ser medido na escala da grandeza e da necessidade interior da alma. É belo o que é belo interiormente” (KANDINSKI, 1996, p. 128). Além do próprio processo de realização do fazer artístico ser considerado terapêutico, outro fator que legitima a Arte como terapia é a capacidade que esta tem de desenvolvimento do potencial criativo do indivíduo. Segundo Ciornai (2004), os processos de criação artísticos têm um potencial curativo e estruturador, considerando-se que criatividade e saúde estão relacionadas na condição humana. Desse modo, possibilita ao sujeito não só a liberdade de expressão, mas também sustenta a autonomia criativa, ampliando o seu conhecimento sobre o mundo e proporcionando o seu desenvolvimento tanto emocional como social. Por conseguinte, é essencial à vida da pessoa.

### **Arteterapia na educação**

Falar de Arteterapia em Educação é proposta audaciosa que merece cuidado e seriedade em sua defesa, pois exige do profissional responsabilidade e coerência com os princípios norteadores de ambas as áreas. Por acreditar na potencialidade transformadora do trabalho docente e no caráter crítico-reflexivo do professor, defendemos que a sua mediação dentro dos espaços educativos favorece a prática da Arteterapia e desencadeia processos restauradores nos sujeitos do trabalho. É uma proposta que agrega mudança

de olhar não só do aluno para sua própria condição, mas que altera as relações dentro da escola e ressignifica a constituição da figura do professor.

Concebemos ser função do professor perceber aquilo que as crianças não conseguem expressar verbalmente e estimular que o façam através de outros recursos. Assim, o educador deve ter a preocupação de garantir no tempo e no espaço da sala de aula momentos de criação e expressão livre, onde se evidencie a concepção de Arte como forma de exprimir sentimentos, ideias e desejos. O trabalho pedagógico frente às descobertas criativas dos alunos é o de incentivar, questionar e possibilitar novas experiências. Por isso, é preciso auxiliá-los a refletir sobre a melhor forma de realizar diferentes ações, sem com isso limitar seu desejo de experimentar e imaginar coisas novas. É preciso possibilitar momentos em que o sujeito vivencie todas as formas de expressão, tendo liberdade e condição de fazer uso dela através da oralidade (seja falada ou cantada), dos movimentos ou das imagens...

Os trabalhos plásticos na Educação Básica devem, em nossa concepção, permear o trabalho pedagógico durante o ano inteiro, sendo mais uma forma de produzir o conhecimento acerca de diferentes temas discutidos em sala de aula. A produção plástica deve estar intimamente ligada à expressão, podendo ser um importante recurso para trazer à tona os conhecimentos e emoções do indivíduo. Levando em consideração que um trabalho artístico implica na percepção do mundo através dos sentidos, constitui uma forma de conhecimento tão importante quanto a linguagem lógico-científica:

Quem não esteve envolvido no processo criador de uma maneira tão intensa, que foi capaz de sentir que o seu único desejo seria de acabar aquele único e precioso produto e então poderia morrer? Eu penso que cada um de nós que tenha estado envolvido tão profundamente em criar tenha tido uma vez ou outra esse sentimento, o desejo de contemplação, porque isto me parece muito importante (LOWENFELD, 1958).

Tal possibilidade é observada, entretanto, quando as condições de realização das atividades mostram-se favoráveis a tal prática. Nada haveria de diferente ou especial em

propor ateliês de Arteterapia dentro de um ambiente escolar se apenas transpuséssemos o espaço clínico para dentro da escola, mantendo os pressupostos e rituais de um trabalho característico de outro espaço. Além de todas as questões pertinentes ao próprio trabalho pedagógico, o contexto escolar, que já carrega em si próprio uma grande carga de fatores onde a Arteterapia poderia mostrar-se eficiente, também se torna cada vez mais interessante para o desenvolvimento desta vertente. Não só por estar diretamente ligada à vida social e familiar dos indivíduos, mas também por trazer para dentro de sua realidade muitas questões que extravasam os problemas de aprendizagem ou as dificuldades cognitivas que algumas crianças possam vir a ter. Destacamos, neste sentido, algumas características do espaço escolar que potencializam o trabalho terapêutico e favorecem o trabalho em Arteterapia:

1. Trabalha-se na escola com a ideia do ser em sua condição plena, na forma em que este é capaz de transformar a realidade que o rodeia. É espaço onde acontece o cuidado pelo viver saudável, e não de busca pela cura da doença.
2. A proposta do trabalho arteterapêutico em Educação privilegia a diversidade da convivência em grupo e, ao mesmo tempo, desperta as características singulares do sujeito. Mais que pensar na utilização de técnicas expressivas em terapia, a própria realização do processo criativo através da Arte e o convívio com o grupo já se constitui em terapia.
3. A escola é um espaço fundamental na construção da identidade do indivíduo, pois atua de maneira importante na formação de valores e princípios que irão nortear a vida de seus alunos. Contudo, este espaço só se torna legítimo se fornecer aos indivíduos a oportunidade de conhecer e utilizar verdadeiramente diferentes recursos expressivos, permitindo o desenvolvimento da criatividade e do senso crítico.

4. É local de vivência comum, palco de inúmeros conflitos e diversas relações, onde diferentes personalidades interagem o tempo todo garantindo uma multiplicidade de interações sociais. Torna oportuna a convivência democrática entre sujeitos de diferentes realidades, onde os indivíduos necessitam agir de forma a ajustar-se criativamente às situações que são colocadas.
5. Já existe uma relação de confiança estabelecida entre o sujeito, a família e a escola, o que favorece a colaboração de todos os envolvidos no processo terapêutico e também gera, em grande parte das vezes, maior confiança em resultados positivos da proposta.
6. É mais um dos espaços onde modelos de atitudes e conduta são oferecidos e apropriados, caracterizando a forma como os indivíduos lidarão com as relações, se são amistosas, íntimas, de dominação, de conflito, e tantas outras que o espaço educacional proporciona, como também se as ações são de paz ou de violência, de saúde ou de doenças, de autonomia ou heteronomia.

Também observamos que a Arteterapia em Educação gera transformações não só para os alunos envolvidos no projeto, mas também possibilita ao educador, que se dispõe a este trabalho, uma sensibilidade maior ao olhar para muitas coisas. Permite que o professor perceba, através desta nova perspectiva, as inúmeras formas expressivas e entenda o indivíduo de forma mais sensível e humana. É também no todo de cada profissional que as raízes de uma postura ética se formam e podem frutificar numa atitude que facilite o crescimento, a autonomia e a solidariedade entre as pessoas no ambiente educativo.

### **A dinâmica dos ateliês livres**

Dentre as possibilidades de trabalho com Arteterapia no contexto escolar, destacamos aqui a dinâmica dos ateliês livres. Nesta proposta, o arteterapeuta

acompanha a livre produção dos alunos em um espaço onde há grande multiplicidade de materiais. Cada indivíduo elabora suas poéticas pessoais e cria seu trajeto de formação na medida em que se apropria dos recursos disponíveis. Cabe ao profissional, nesta proposta, estimular os processos criativos do grupo, registrar as escolhas e caminhos seguidos, buscando proporcionar momentos de reflexão e fruição estética a partir da criação.

A consciência da Arte, como manifestação tipicamente humana e como forma pura de expressão, é muito importante para o desenvolvimento do trabalho arteterapêutico em Educação, pois lidamos com a possibilidade da criação espontânea do indivíduo. O objetivo do trabalho terapêutico, neste sentido, mais do que oferecer recursos variados de expressão, é permitir que o indivíduo manifeste seus conflitos interiores e reelabore sua relação com/no mundo. Sendo assim, pouco importa a diversidade de técnicas e materiais disponíveis, se não houver um olhar cuidadoso do profissional para que estes sejam utilizados de forma terapêutica.

O ateliê livre tem por objetivo o não planejamento prévio das atividades. A intenção é de que qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, sirva como motivo para criação artística. Os temas são escolhidos pelos próprios sujeitos, a partir de elementos do seu cotidiano: a mudança de estação, a temperatura, um material que foi encontrado, um cheiro, uma novidade, uma história...

Se dermos às crianças a mesma liberdade no processo artístico, que damos em suas brincadeiras, as crianças chegarão à excelência no aprimoramento do processo criativo (HOLM, 2003, p.09).

No ateliê livre, trabalhamos acreditando no potencial criador, no sentimento de liberdade, irracionalidade, naturalidade. O importante neste espaço é garantir que todos participem, se envolvam, descubram, explorem e façam parte do processo. No aspecto físico, as propostas mobilizam questões ligadas à estruturação e coordenação motora. No

emocional, despertam sentimentos e emoções primitivas, para que possam ser conhecidas e elaboradas.

Por isso, é preciso aprender a exercitar e perceber as diferenças sutis e caminhar do indefinido para o definido, do nebuloso para clareza, com a ousadia de quem rompe um olhar para se vivenciar, experimentar, sentir. Os indivíduos são beneficiados por:

1. Ter possibilidade de contato com materiais e técnicas expressivas que neles suscitam emoções singulares. Diversos estudos em Arteterapia demonstram como a propedêutica dos materiais pode contribuir para a melhor percepção de si mesmo e também mobilizar sentimentos específicos.
2. Pela troca e convivência com outros sujeitos também em processo de encontro e descoberta, onde as questões levantadas e pontuadas por um acrescentam e geram reflexão também nos demais.
3. Contar com o olhar atento e diferenciado do arteterapeuta, que será capaz de compreender as dificuldades ou questões emergentes de uma perspectiva outra, que somada à visão do educador e da comunidade podem contribuir para trazer uma compreensão mais completa dos sujeitos e para a tomada de consciência de dimensões do contexto pedagógico até então não percebidas.

Dentro desta perspectiva, o ateliê livre se configura como um caminho através do qual cada indivíduo pode encontrar possibilidades de expressão para processar, elaborar e redimensionar suas dificuldades. É aceitar o processo que cada um percorre de forma diferente, pois o percurso criativo não corresponde simplesmente a uma sequência de trabalhos.

Possibilitar espaço para a criação é confirmar o papel que a Arte ocupa em uma prática educativa que respeita as diferenças, as escolhas pessoais, o tempo que cada um precisa para se descobrir em suas criações, seus interesses e sensibilidades. Então, para

atuar com ateliês livres em Educação, é preciso respeitar as necessidades dos membros do grupo e saber que em alguns momentos se exigirá lidar com o imprevisível.

As Artes Visuais expressam, comunicam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional. (...) O movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, a proximidade e a semelhança são atributos da criação artística. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às Artes Visuais (BRASIL, 1998 p. 85).

Assim, o Ateliê livre permite que os pressupostos da Arteterapia sejam amplamente explorados dentro do espaço educativo institucional, desenvolvendo as habilidades e a afetividade com totalidade.

Ana Marie Hölm diz que “para se criar é indispensável ter liberdade” (2005, p.15). O termo “ateliê livre”, neste sentido, refere-se à liberdade que os membros precisam ter de explorar as técnicas e materiais que lhes pareçam mais importantes dentro de seu percurso. Cabe ao arteterapeuta construir um repertório de modalidades expressivas e materiais que contemplem as diferentes demandas do grupo, porém sem desprezar a necessidade de estipular coletivamente regras de organização, estabelecer encaminhamentos práticos sobre a rotina do dia, delimitar usos e espaços para alguns tipos de recursos, definir formas de boa convivência, etc. Para tanto, é necessário que o profissional tenha flexibilidade e ao mesmo tempo saiba ponderar se a proposta trazida pelos elementos do grupo é adequada e atende às necessidades de cada indivíduo.

Data de recebimento: 13 de Novembro de 2010.

Data da primeira revisão: 26 de Março de 2011.

Data de aceite: 31 de Outubro de 2011.

## Referências

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

**Referencial curricular nacional para Educação Infantil – conhecimento de mundo.**

Brasília: MEC, 1998.

BRITAIN, W. L. e LOWENFELD, V. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo, SP: Mestre Jou, 1977.

CIORNAI, S. (Org.) **Percursos em Arteterapia: Arteterapia Gestáltica**. São Paulo: Summus, 2004.

DUARTE JR., J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas: Papyrus, 1988.

FERREIRA, L. H. e BONOMI, M. C. Grupos na Educação: experiências no Ensino Infantil e Fundamental. Em SEI, M. B. & GONÇALVES, T. F. **Arteterapia com grupos: aspectos teóricos e práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FREIRE, P. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HOLM, A. M. **Fazer e pensar em Arte**. São Paulo: MAM, 2005.

KANDINSKY, W. **Do Espiritual na Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LOWENFELD, V. Entrevista autobiográfica concedida à Universidade de Miami em Oxford, Ohio (EUA) em 1958. Disponível em <http://www.prof2000.pt/users/marca/lowenfeld.htm>. Acesso em 28/02/2011.

### **Bibliografia Consultada**

CIORNAI, S. (Org.) **Percursos em Arteterapia: Arteterapia e Educação / Arteterapia e Saúde**. São Paulo: Summus, 2005.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PAÏN, S. e JARREAU, G. **Teoria e Técnica da Arte-terapia – a compreensão do sujeito**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

## Artigo Original

LO PSICOTERAPÉUTICO EM ARTETERAPIA

Alejandro Reisin<sup>7</sup>

### Resumo

Proponho neste trabalho encontrar uma melhor articulação do psicoterapêutico nos processos arteterapêuticos, com ênfase no trabalho interdisciplinar e para potencializar encontros teóricos, tendo o sujeito (cliente / paciente) como fundador da prática. Encontramo-nos muitas vezes (especialmente para aqueles que foram formados em alguma disciplina artística), com inquietudes sobre o alcance e os limites da prática da arte terapia. O psicoterapêutico parece difícil, perigoso e, até mesmo ameaçador. Não menos, porque todos nós sabemos dos impactos que podem produzir na subjetividade uma palavra mal colocada, um gesto inadequado ou uma proposta desmedida, naquele que está trabalhando algo próprio através da arte e contatando zonas dolorosas de sua experiência subjetiva. O propósito é poder contribuir, a partir dos próprios saberes e na relação que liga aquél outro - objeto de nosso trabalho – acrescente sua experiência vital de ser, sua capacidade para o prazer, o enriquecimento de seus vínculos sociais e sua expressão e criatividade, partindo da liberdade. O eixo do protagonismo e a responsabilidade, delimitam lugares subjetivos a partir de uma ética envolvida no processo arte terapêutico.

**Palavras-chave:** psicoterapia; arteterapia; vinculação; responsabilidade

---

<sup>7</sup> Licenciado em Psicología (UBA); Prof. de Psicología en nivel Medio y Superior (UBA); Psicólogo social (Esc. Dr. Pichón – Riviere); Músico; Autor dos livros: Poéticas del tiempo (2009); Arteterapia. Semánticas y Morfologías (2005); Arteterapia. Semánticas y Morfologías (2006); Subjetividad y estrés docente (2002); Creatividad, Psiquismo y Complejidad (2000); Psicomúsica, en el arte, la pedagogía y lo terapéutico (1994); Educación, salud y derechos; Artículos y notas en diversas revistas (Decisio, de México; Cores da Vida, Goiás. Brasil; Reflexoes, Sao Paulo, Brasil, Ignota, Bs.As, Novedades Educativas, Bs.As.); Cofundador y codirector de la Primera Escuela Argentina de Arteterapia (fundada en 1996); Prof. en la Carrera de Musicoterapia USal. (1984-2001); Prof. en la cátedra de Salud mental, Carrera de Medicina, UBA; Prof. en la Univ. del Museo Social Argentino (Carrera de Psicología y Psicopedagogía); Prof. en el Instituto de Educación Superior Alicia Moreau de Justo; E-mail: [alereisin@yahoo.com.ar](mailto:alereisin@yahoo.com.ar); <http://www.alejandreisin.com.ar>

## **Abstract**

I propose in this paper to find the joints optimizers from psychotherapy into art therapy processes. With the emphasis of interdisciplinary work, apuntes to potentiate theoretical issues taking the person in process as the founding of the practice. We meet many times (especially for those who have been trained mainly in any artistic discipline) with concerns about the scope and limits of art therapy practice, where “the psychotherapeutic question” appears as hard, dangerous and yet, even threatening. No less, because we all know the impacts that may occur in the subjectivity, a misplaced word, a gesture inappropriate or excessive proposal, in that who is working something through art itself, in its sensitivity and subjective areas painful experience. The wager is to contribute from our original practice, for the other, -object of our work- can get increase of life experience in his being, his capacity for enjoyment, enrichment of their social ties and his free expression and creativity. The axis of protagonism and responsibility are both essential subjects within an ethics involved in art therapy process.

**Keywords:** Psychotherapy; art therapy; bond; responsibility.

## **Resumen**

Propongo en este trabajo poder encontrar articulaciones optimizadoras de lo psicoterapéutico en los procesos arteterapéuticos, con el énfasis del trabajo interdisciplinario, apuntando a potenciar aquellos encuentros teóricos teniendo al sujeto (paciente o consultante) como fundante de la práctica. Nos encontramos muchas veces con inquietudes (especialmente de quienes se han formado principalmente en alguna disciplina artística), respecto de los alcances y límites de la práctica arteterapéutica. Lo psicoterapéutico aparece como arduo, peligroso y aún, hasta amenazante. No es menor, ya que todos sabemos de los impactos que puede producir en la subjetividad, una palabra

fuera de lugar, un gesto inapropiado o una propuesta desmedida, en aquél que está trabajando algo propio a través del arte, en su sensibilidad y rozando zonas dolorosas de su experiencia subjetiva. La apuesta es poder contribuir desde los propios saberes y en la relación vincular, a que aquél otro, - objeto de nuestro trabajo -, acreciente su experiencia vital de ser, su capacidad de disfrute, el enriquecimiento de sus vínculos sociales y su expresión y creatividad desde la libertad. El eje del protagonismo y la responsabilidad enmarcan a ambos lugares subjetivos desde una ética implicada en el proceso arteterapéutico.

**Palabras claves:** Psicoterapia; arteterapia; vinculación; responsabilidad.

## Introducción

En el surgimiento de nuevas prácticas sociales en los albores del siglo XX (en nuestro caso, el arteterapia), sus fronteras aparecen aún difusas, ya que su membrana se nutre de aquellas otras prácticas de las que se alimenta.

En un trabajo anterior me referí al *Arte en Arteterapia*, uno de los dos frentes que nos soporta; el otro es -sin dudas- el campo de las psicoterapias. Para este recorrido, realizaré una serie de contrapuntos que hagan dialogar la psicoterapia con el arteterapia, en pos de esta integración deseada. En los procesos de transformación terapéutica, ni una ni otra deben atribuirse la exclusividad del *entendimiento* o de los *recursos* potenciadores, para la comprensión de los mismos.

Este escrito está motivado por innumerables comentarios e inquietudes de colegas con formación artística, que consideran lo psicoterapéutico como un espacio complejo de tránsito en arteterapia.

## Psicología y psicoterapias

La *psicología* es el estudio del comportamiento humano, lo cual implica tanto su conducta observable, como los procesos cognitivos (procesos mentales, emotivos y conativos-motivacionales), además de considerar los contextos sociales y la cultura. Entre sus campos de aplicación, podemos observar el clínico, el educativo, el forense, el laboral, el comunitario, entre otros.

Las *psicoterapias* surgen como prácticas en el siglo pasado, derivadas por un lado de la medicina y por otro, de la filosofía; varían según distintas líneas teóricas y sus técnicas son diversas. Muchas de ellas son referentes de distintas líneas dentro del campo de ejercicio del arteterapia (gestáltica, junguiana, psicoanalítica, transpersonal, etc.).

Las psicoterapias no conforman cuerpos *únicos* ni son *enteros*. Éstas se presentan tanto desde referentes teóricos como prácticos y poseen diferencias en metodologías técnicas, enfoques y propósitos de tratamiento del sufrimiento subjetivo. Quizás podrían coincidir todas ellas en aspirar a una mejor calidad en la experiencia de la vida de las personas.

Según la época, el contexto socio-cultural, las ideologías, éstas van cambiando, ya que, no son las mismas condiciones actuales las de hoy, que las que vieron surgir la teoría de cada cual. Cada práctica clínica contestaba y respondía interrogantes que hoy son otros. No pensar en una dimensión ideológica supondría un cuerpo teórico esterilizado, no contaminado, por lo tanto cuasi-esteril. *Esterilizado* como aislado de cualquier infección y esteril en tanto no fecundo, ya que la fecundidad de un cuerpo teórico es su "cópula" con las problemáticas que aparecen en el mundo, en el orden de lo práctico, de las condiciones de existencia de un colectivo social.

Una práctica en salud mental no puede reducirse a la aplicación de algunas técnicas, éstas son coherentes en el marco y proceso de la línea teórica de la que se trate: fuera de ellas, cambian notablemente su sentido.

¿Tendría alguien la osadía de enunciar con humildad, que el abordaje a determinada problemática es el mejor, desmereciendo otros? Erigirse como Uno -además de ser una necesidad-, atenta contra la diversidad del otro, la diferencia, lo otro. Entonces, los aportes y transformaciones pueden venir desde insospechados lugares.

Sabemos que a través de la fuerza libre que lo simbólico es capaz de condensar, los lenguajes artísticos, son poderosos para la riqueza de esa diversidad.

Las problemáticas de la subjetividad, de los procesos de salud-enfermedad-atención, de lo singular, de lo universal y de lo particular, tienen grandes diferencias teóricas, que producen clínicas distintas; mas ninguna de ellas, puede desconocer la del sufrimiento psíquico. Este campo problemático, - vincularidad mediante - se da en ese vivir con otros (otros de antes, otros actuales, otros conocidos y otros desconocidos).

La psicoterapia utiliza principalmente la palabra como instrumento de la cura, aunque hay modalidades que se anclan en el cuerpo o en otras codificaciones simbólicas; todas ellas apuntarían a la comprensión y modificación de comportamientos, la capacidad de manifestarse, comunicar, reflexionar sobre las formas de vivir, de hacer, de pensar, de sentir.

Lo *terapéutico*, - común denominador en los términos *psicoterapéutico* y *arteterapéutico* -, remite en su raíz etimológica a “yo cuido” en cuanto a las enfermedades médicas refiere. Muchas palabras pasan a la vida cotidiana, modificando en parte su sentido teórico original. Hoy en día se extiende este término a aquello que tiene poder transformador y potenciador, sea encontrándose o no una situación de enfermedad o de padecimiento. Un descanso, un masaje o un baño caliente pueden tener efectos terapéuticos y redundar beneficiosamente para el sujeto. Aquí proponemos hacer un uso

más sistemático de lo terapéutico, refiriéndonos a una relación con otro que define el vínculo como tal.

## Arteterapia

La definimos como

Campo de saberes y prácticas que, partiendo de los diversos lenguajes artísticos, se propone, en lo específico de su inserción y en sus dispositivos estéticos, educativos, clínicos y/o de rehabilitación, crear, significar, potenciar la subjetividad a través de producciones - objetos arteterapéuticos -, en articulación con nexos intra e inter disciplinarios, cuyos objetivos se enmarcan en la promoción de la salud mental. (REISIN, 2009, p. 227).

El espacio que el arteterapia ofrece como *construcción de miradas con otros, con los objetos y las significaciones y resignificaciones subjetivas* es, en este punto, altamente productor de procesos de salud.

En el sufrir singular, en su mirar, su escuchar, su producir, tendremos que preguntarnos -desde nuestra función- *¿cómo ve el otro* -en su viaje de la vida-, *su territorio y el mapa que debería de representarlo?* Es decir, *¿qué es lo que mira, a qué atiende, qué visibilidades tiene, qué invisibilidades lo ciegan?*

Las *articulaciones* de las psicoterapias con el arteterapia, supone que las primeras prestan a lo trabajado, una *estructura de elaboración psíquica*, así como *nuevas visiones a viejos temas*. Al modo de la potencia de una materia prima, el recurso arteterapéutico ofrece una *materialidad intensa y extensa* a la vez, que podrá ser retrabajada desde la palabra.

No hay suplencia sino *complementariedad* entre una y otra. Nuestra responsabilidad como *trabajadores vinculares de la vida subjetiva*, pone el énfasis en el tratamiento y en el sujeto sufriente -o en un proceso terapéutico- y no en las luchas por el poder; *lo relevante es aquello que puede habilitar nuevas vías frente a lo estereotipado*. Cualquiera de ellas debe ser cuidadosa, respetuosa, potenciadora.

El sentido de un proceso terapéutico podría quizás sintetizarse en “*Dime dónde estás y qué quieres*”. Posicionamiento subjetivo y deseo - motor vital -. Las ideas enlazadas, las historias entramadas, los afectos anudados, los mandatos de todos los colores, enmascaran la búsqueda de lo ansiado, lo deseado... Lo que mueve a quien busca, es un deseado retorno esperanzado de ese *sí mismo*, al *ser* (que es aquéllo que se encuentra en alguna dimensión, perdido...).

Poder saber dónde uno está y qué quiere. No saber, puede invitar a descubrirlo, a ir por ese viaje, por esa aventura, por ese tránsito, por esos procesos. A través del arte, en arteterapia, uno puede encontrarse, sorpresivamente, tras un decir pintado, danzado, cantado, actuado, narrado. Ese encuentro habilitaría *descapturar lo capturado*. *Recapturar lo expresado* en el proceso psicoterapéutico otorga *lógicas de sentido* a eso que aparece en lo real del trabajo arteterapéutico, desde la propia mirada del sujeto, que es *autor de su decir*.

¿Cómo pensar algo viejo de una nueva manera, cómo verlo diferente? A veces es necesario -metodológicamente- desentramar lo visible (es decir deshacer las tramas), a través de ver el revés, para ver lo dicho o lo callado, lo mostrado o lo ocultado, lo exhibido o lo inhibido. Los lenguajes artísticos permiten con mucha destreza estos procedimientos porque su materialidad con el objeto es externa del sujeto, y manipularlos, es objetivable. Antes de las representaciones verbales, aquí se hacen presentes los enunciados artísticos. Entonces con el ejercicio del pensamiento del revés, del pensamiento de tramas, los sentimientos y acciones pueden develarse en los derechos de los reverses, en los objetos arteterapéuticos.

Otras veces, captar las lógicas de las *escenas vinculares*, abren narrativas que pueden resignificarse desde la complejidad y la creatividad y que traen protagonicamente al sujeto que miraba una escena fuera de sí. En la po-ética de la singularidad, se enhebran sentidos poderosos para las producciones discursivas.

Saber en *qué posición de mapa y territorio* está cada uno y qué hace cada cual con la posición que toma el otro, produce un *interjuego de posiciones* (y tengo que hacer germinar este término tan provocador en otros: imposiciones, suposiciones, reposiciones) que nos ubican (desde la responsabilidad) en la danza con el otro: a veces placentera, otras veces sufrida, muchas veces transgredida.

Entonces, poder pensar lo “invisible” abre nuevas visibilidades. Poder preguntarse por lo que no aparece, posibilita develar aquello que mantiene y sustenta lo visible. Y a veces, preguntar por lo obvio - lo observable -, deja lugar a la aparición de lo encubierto o velado.

En arteterapia se trabaja desde el afecto, desde otras representaciones (artísticas) para luego poder, en un proceso secundario de poner palabras, de nombrar, de discriminar, ligar las presentaciones con las representaciones. A lo aparecido desde el afecto en el trabajo expresivo y haciendo el trabajo de ligadura, hay proceso secundario en juego. Las articulaciones entre presencias y representaciones abren un campo amplio de producción subjetiva, donde el *hacer* y el *decir*, se enmarcan en un sentido integrador con el *sentir* y todos ellos, hacia el *accionar*. Intima relación entre formatos del decir... la palabra como puente que enlaza vivencias y expresiones, con ideas y concepciones.

Desde el arteterapia, somos responsables de los campos que abrimos para que allí se desplieguen singularidades que nosotros podemos no conocer, a veces ¡ni sospechar! pero que se habilitan en el espacio del encuadre que proponemos. El lenguaje del arte no se reduce a los procesos psíquicos primarios y secundarios, ni a la sublimación como mecanismo. Las ideas de proceso terciario agregan algunas conceptualizaciones a lo inconmensurable de las definiciones sobre los procesos subjetivos intervinientes en el hacer artístico (FIORINI, 1995, p. 125). Categorías que multiplican los saberes y los conocimientos, el llamado es a la responsabilidad de los campos que se abren en la perspectivas de la implicación del sujeto en su vivir.

## Vínculo terapéutico

En la *vinculación* entre psicoterapeuta y paciente o arteterapeuta y paciente (o persona que transita un proceso arteterapéutico) se dan múltiples formas de la transferencia. Cada uno de ellos puede operar de manera diferente, está mediado por otras materialidades: la palabra multívoca, los decires metafóricos.

La cuestión contratransferencial es una brújula que indica dónde está cada terapeuta con eso que trae el paciente, qué *me* pasa, dónde *me* impacta. Puntos ciegos, puntos visibles, lo luminoso aclara el rumbo de cómo y qué puede ser potenciado, dónde abrir una mirada creativa y creadora.

Encuentros y desencuentros de razones y emociones en tanto estamos allí para que algo se produzca con el otro, nuestra responsabilidad de escucha no se reduce a almacenar información a través del órgano auditivo.

¿Qué es *escuchar* y escucharse? Es dar cuenta, además de los contenidos, de esa voz que habla en la emoción, de quién dice en lo que dice. Escucharse es darle lugar a esa voz, aunque quien enuncie sea otro... y eso lo implica a uno responsablemente. Escuchar al otro en su decir, escuchar lo propio en eso que se dice, inclusive, escuchar cómo es nuestra escucha del otro. Transferencia y contratransferencia, donde podemos captar y / o quedar captados por ciertos decires.

¿Cómo es esa convivencia con las distintas emociones -cual democracia emocional subjetiva-? Voz y voto, hay en juego una cierta armonización política de las propias distintas voces. Y si escuchamos desde un posicionamiento ético, esas voces podrán dialogar en pos de la libertad subjetiva. Y aquí escuchar es mirar, tocar, sentir, palpar, gustar, oler... pensar y afectarse.

La vincularidad es de fundamental importancia para la responsabilidad de un saber de lo propio y del otro en cuanto a lo que el vínculo terapéutico posibilitaría, tanto entre los

sujetos como entre éstos y sus objetos... El hacer arteterapéutico se mueve en estos dos frentes. *Hacer* con objetos que se crean en ese espacio de producción, que nos sorprenden, con los cuales nos vinculamos y *hacer* con otros que están allí, con nosotros, esos *otros* de mí. Y este hacer, tiene como premisa la *pro-moción* de la Salud. Movimiento hacia la salud.

La riqueza de lo vincular, en la diferencia de lo otro y de los otros (lo ajeno, del latín *alien*, lo extraño, lo extranjero), propone conmociones a los saberes de lo mismo, de lo conocido (lo propio). Saber de sí, saber del otro para que la vida sea más rica, sea potenciada.

- 1 La situación transferencial surge en sus orígenes como concepto desde el *psicoanálisis* en tanto *proyección*, *resistencia* y *repetición*, revivida en el vínculo analítico de la “cura a través de la palabra”, el *talking cure* (FREUD, 1952). Por suerte, encontramos otras estructuraciones discursivas en otros lenguajes (ya no exclusivamente el de la palabra) hallando en el arte otras vías regias. Las lógicas propias del arte, donde la creatividad, el juego de lo simbólico, pueden desafiar al Otro (con mayúscula - esa instancia que se autovalida como enunciativa de una Verdad universalizada -), que resulta obturante de una verdad del sujeto. Se trata de crear una posibilidad para su surgimiento, su resurgimiento.
- 2 Esos otros lenguajes tienen poderes sintetizadores, creadores de otras *realidades psíquicas* - como gustaba llamarlas Freud - (1953, p. 55); producen espacios de expresión, comunicación, relación con los otros - pares diferentes de mí - y son promotores y potenciadores de la salud.

## Protagonismo y responsabilidad

Zizek (2003) dice que nuestra *responsabilidad* como sujetos, es tanto la dimensión del “sabemos lo que conocemos” como la del “sabemos lo que no conocemos”; también ubica el campo del “no saber lo que conocemos” y del “no saber lo que no conocemos”.

El aprendizaje instituido, la educación formal -en todos los niveles-, apunta a desarrollar los saberes positivos, esto es, saber lo que conocemos y saber lo que no conocemos. La categoría de no saber lo que conocemos abre a una captación de ese saber que habita en nosotros y que aparece en las producciones que realizamos, en las relaciones, en las acciones. Si las producimos, hay un saber allí que puede ser ignorado o extraño, pero que podemos asumir como propio.

En cuanto a “no saber lo que no conocemos”, es la categoría más difícil de pensar, por lo tanto de asumir. Es todo eso que uno no sabe de sí -por ejemplo-, en una *situación* desconocida. ¿Cómo nos posicionamos allí? Quizás podamos pensar esto después de sucedido, en una aprehensión “a posteriori”. Algo operó en nosotros en ese posicionamiento y algo habrá para responsabilizarse.

El *a posteriori*, es “después del hecho”. La apuesta de *historizar*, de trabajar en una trama para resignificar lo pasado ya sabido, es para elaborar lo que se repite, dejando de insistir por allí, desde aquellos saberes y conocimientos a los que hacemos referencia.

En el marco de la responsabilidad tanto técnica como teórica, el arteterapeuta se encuentra con que *el otro del arteterapia* es un sujeto singular con quien se establece un vínculo que requiere de tener la capacidad de escucha. La labor trans-formativa, deja que el arte, en el movimiento-saber de lo inconciente, *trabaje* enmarcado en una *atención flotante* que habilite un *libre asociar* en la aventura de los procesos y las producciones objetivas y subjetivas para -juntos-, “resubjetivar” lo producido.

La fuerza de lo sensible, como lógica del cuerpo en un lugar otro que el de la palabra, la sensorialidad, en tanto mirada, escucha, las sensaciones táctiles, olfativas,

gustativas, cinestésicas y kinestésicas brindan e incorporan a la razón, una materialidad real poderosa.

*Libertad en la asociación*, que da cuenta de la lógica simbólica singular de cada cual, más ligada a los procesos de la creatividad que a los ideales del positivismo. Ya no es la *objetividad* de que algo sea temible, angustiante o conflictivo por sí mismo (sin referencia a un sujeto) sino el posicionamiento simbólico de éste frente a lo que lo problematiza. Somos todos *singulares* y he ahí nuestra *universalidad*.

El ejercicio de la *libertad* supone la posibilidad de la elección (elegir, del latín *eligere*, de *e* por *ex* (fuera) y *legere*, tomar; optar, del latín *optare*, es escoger). En la elección soy responsable de lo que tomo de afuera; en la opción debo escoger entre lo dado desde afuera.

El *deber ser*, en tanto discurso obligante, lo podemos pensar como el particularismo universalizador de la lógica de la moral (entendida aquí como forma de control social) y ésta, en tanto construcción de y con historias, con determinaciones, con deseos y con temores que le dieron existencia..., es decir, que la *moral* no es eterna, tuvo condiciones contextuales de surgimiento y de consenso. El “deber ser” es producto de intereses de reproducción y de control de la subjetividad social.

Lo que Es, puede resultar molesto, subversivo, pero también puede ser esa excepción incluida en el sistema del deber ser, de lo pautado.

Cuando la demanda absolutizadora del deber ser se monta sobre el sujeto desmontando su subjetividad, puede encontrarse como salida infructuosa el *acting out*, entendido como actuación dedicada a otro, o un *pasaje al acto*, siendo éste un impulso irracional, sin conciencia de responsabilidad (KOTLIAR, LANZILLOTTA, e ROQUETA, 1993).

Pero cuando hablamos de *acto* del sujeto, nos referimos a lo responsable de su implicación, donde ese acto lleva algo de la voz del sujeto y de su deseo.

Suponer una responsabilidad sin límites es creer en una subjetividad todopoderosa, infinita, omnipotente, o en su polo antagónico: subjetividad agotada, acabada, impotente. Límites desde lo que puedo dar respuesta: *puedo* esto, *quiero* esto. *Pienso* aquello, *siento* tal cosa. Esto sí lo puedo *hacer*, esto otro *no*. En el propio decir, *ésta* es mi expresión, mi imagen, mi gesto, mi palabra, mi sonido.

Si no nos enmarcáramos con límites, éstos aparecerían, -instalándose cuando se trascienden la posibilidad de reflexión y/o decisión-, desde el mismo cuerpo, desde la misma acción. Esto es, en vez de responder desde mi subjetividad, desde el límite en el que me encuentre, el límite me encuentra a mí, el cuerpo o la acción se encarga de ubicar dónde el límite debió estar. Véase como ejemplo, la irrupción de una enfermedad ocasionada por el estado de estrés emocional o las defensas bajas, producto de no haber encontrado límites responsables en el propio hacer.

Para pensar en la salud, es imprescindible ser protagonistas, es necesario tomar un papel activo, ser responsables. Es decir, la salud no vendría desde un afuera -sea como la ausencia de agentes exteriores que producen enfermedad o como víctimas de agresiones exteriores-, sino como protagonismo que supone procesamientos (simbólicos) singulares con el mundo y nuestras condiciones culturales y materiales de existencia.

Ese protagonismo, implicados en las escenas del transcurrir en la vida, no nos ubicaría como víctimas o como meros espectadores que ven lo que sucede con la “tranquilidad” de quedar afuera de las escenas, de dejar, fuera de sí, lo *otro*.

Lo que “me sucede” es mi respuesta responsable (nótese que la palabra responsabilidad, proviene del latín *responsum*, de *respondere*, *responder* desde lo propio). Este concepto, pensado como capacidad para responder, supone poder hacerse *preguntas* sobre el propio posicionamiento singular. Preguntas que impulsan al movimiento salutífero, al cuestionamiento de esas condiciones exteriores e internas que

desafían la inmovilidad de las respuestas que no articulan el propio estar con el de los otros.

Y el espacio del preguntar abre nuevos posibles significados, otorga nuevos sentidos: es un ejercicio de protagonización. El otro me desafía a pensar distinto en vez de quedarme con lo conocido. Pero este desafío puede rectificar o ratificar algo de mi mirada, pudiendo confrontar con esas otras diferencias cuyo resultado puede ser una síntesis superadora de mi “tesis” (como mirada del mundo).

He aquí entonces la dimensión de promoción de salud, a partir de la subjetividad, desde el propio punto de implicación: *protagonismo y responsabilidad*.

Qué puedo sostener de mí - qué puedo sostener del otro, qué puede sostener el otro de sí y qué puede sostener de mí... (con el derecho que cada cual tenga de respetar sus propios límites) ¿qué puedo demandarle al otro para que me sostenga y qué es lo que el otro puede demandarme a mí para que sostenga?

El dolor se responsabiliza de sí mismo, el sufrimiento se queda aferrado y se arrastra por el desamor de otro (¿*culpable* de lo que le hace sentir?).

Se trata entonces de la responsabilidad del cuidado de lo propio y del conocimiento de sí, (FOUCAULT, 2005) tanto de las emociones, como del cuerpo, como de los pensamientos, para aquella tríada del *sentir-pensar-hacer* y su dimensión de integración intersubjetiva. Conocerse para cuidarse, cuidarse para conocerse. Y conocer y cuidar al otro. Tareas pertinentes a una ética del trabajo con la subjetividad.

## Conclusión

*Arte y terapia* como medios y como fines. El lugar de las *propias experiencias* arteterapéuticas ubican cada uno de estos planos y el motor -el *deseo* de arteterapeuta-, (alineado con el llamado de lo vocacional) impulsa una praxis con un sentido ético. *Praxis* como prácticas y teorías que -entrelazadas-, producen una integración que tiene como

fundamento el trabajo arteterapéutico. El deseo no es el anhelo, ni las ganas. Aparece enmascarado y responde a la voz del sujeto. Esa vocación -en esta función de arteterapeuta-, se distingue del *deseo de artista* y del *deseo de psicoterapeuta*.

La perspectiva del trabajo arteterapéutico se encuentra en el proceso de recupero y co-creación de la subjetividad a través de los lenguajes artísticos, como propuesta salutífera, tanto en la promoción de salud como en la prevención (primaria, secundaria y o terciaria de la enfermedad) así tanto como en la educación, la rehabilitación, la socialización, frente a la sumisión a las voces de Otros, - ajenas aunque propias -, en la que muchos sufrientes se encuentran. La responsabilidad implicada entonces, es la de potenciar lo singular de cada cual, en la universalidad que nos hace ser únicos, en una subjetividad social atravesada por lo socio-histórico, por las particularidades de los formatos culturales y los recorridos vinculares.

Y una ética arteterapéutica que apueste al sujeto, se preguntará dónde está el deseo, dónde se juega, dónde se oculta, dónde grita, dónde calla, en cada trazo, en cada gesto, en cada decir expresivo.

Data de recebimento: 10 de Março de 2011.

Data da primeira revisão: 07 de Setembro de 2011.

Data de aceite: 19 de Outubro de 2011.

## Referências

**Diccionario de la Real Academia Española.** Disponível em: <http://www.rae.es/rae.html>.

Acesso em 2 de Março de 2011.

FIORINI, H. **El psiquismo creador.** Buenos Aires: Ed. Paidós, 1995.

FOUCAULT, M. **La hermenéutica del sujeto.** Madrid: Edit. Akal, 2005.

FREUD, S. **Obras completas. Tomo X. La histeria.** Traducción Luis López Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda Editor, 1952.

- FREUD, S. **Obras completas. Tomo XVII. Nuevas aportaciones a la Psicoanálisis.** Lección XXXI. La división de la personalidad psíquica. Traducción Luis López Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda Editor, 1953.
- KOTLIAR, S., LANZILLOTTA, A. e ROQUETA, C. **Puntualizaciones sobre el acting out.** Buenos Aires: CEP. Tekné, 1993.
- REISIN, A. **Poéticas del tiempo.** Buenos Aires: La nave de los locos, 2009.
- ZIZEK, S. **Conferencia pronunciada en la Facultad de Filosofía y Letras em 25/11/03,** UBA. Buenos Aires, 2003.

## Resenha

ARTETERAPIA E O RELACIONAMENTO INTERGERACIONAL

Mailde Jeronimo Tripoli<sup>8</sup>

Publicação: SPERLING, Ronald. **Arteterapia e o relacionamento intergeracional**. São Paulo: Sperling Studium, 2010. 112 p.

Ronald Sperling é, além de artista plástico com reconhecimento internacional, Arteterapeuta, arte-educador, Mestre em gerontologia pela PUC/SP e ministra oficinas de arte com orientação arteterapêutica com vistas ao processo ensino/aprendizagem. Seu livro, *Arteterapia e relacionamento intergeracional*, é uma contribuição significativa para alunos e profissionais da Arteterapia e da Gerontologia. Escrito em linguagem clara e objetiva, o texto flui, e a leitura é agradável.

A trajetória profissional e pessoal, o interesse pelo outro, pelo ser humano, de qualquer idade ou condição, é o que mobiliza o autor ao trabalho que ele se propõe: compreender o relacionamento intergeracional entre neto/adolescente e avô/idoso, por meio do fazer artístico arteterapêutico.

Mais do que isso, o projeto desdobra-se em outros objetivos, como o levantamento do perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa, netos/adolescentes e avós/idosos. Essa especificação se justifica, segundo o autor, em razão de haver avós jovens e, sabemos, netos idosos, o que não era alvo da pesquisa.

A descrição do decorrer da pesquisa e da prática efetiva dá-se de forma didática e estimuladora. Sperling faz o caminho das pedras e traça a trilha a ser seguida para se

---

<sup>8</sup> Mailde J. Trípoli é professora no CEFAS/Campinas/SP – Centro de Formação e Assistência à Saúde. Arteterapeuta (filiada à AATESP, N° 070/0507) com formação em Psicoterapia Transpessoal, pela DEP - Dinâmica Energética do Psiquismo (CRT 37987); Terapeuta Familiar Sistêmica – Constelação Familiar, por Peter e Tsuyuko Spelter (equipe internacional Bert Hellinger); Graduada em Letras e Mestre em Teoria Literária, pela UNICAMP. Autora do livro: *Imagens, Máscaras e Mitos: o negro na obra de Machado de Assis*; e do ensaio *Culinária dos Sentidos: Ensaio sobre uso da arte culinária como recurso arteterapêutico*. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8940370737738589>.

chegar ao tesouro escondido que, como Deolinda Fabiatti, Mestre em Gerontologia social, bem descreve na contra capa do livro, “é facilitar a compreensão e a identificação de afinidades e conflitos entre as gerações estudadas”.

Em *Compartilhar a vivência*, primeiro capítulo do livro, tem-se a descrição da constituição do grupo alvo da pesquisa, dos critérios de escolha, o histórico, a metodologia e a concepção do ateliê arteterapêutico (o fazer arteterapêutico). A fundamentação teórica inclui estudiosos como Edgar Morin, Winnicott, F. Ostrower; Selma Ciornai, Liomar Andrade, C. Allessandrini, M. de B. Norgren, entre outros profissionais estudiosos e pesquisadores do temas envolvidos pela pesquisa.

Nos capítulos subsequentes, *Métodos* e *Encontros*, são descritos os momentos entre netos e avós, mediados pelo fazer artístico e pelo suporte do profissional. É-nos dado, então, a conhecer o conjunto de atividades artísticas denominado “ampliação das linguagens expressivas e simbólicas do sujeito”. A ampliação, explica-nos Sperling, tem o sentido de potencialização do estado sensível do sujeito ao participar de atividades que possibilitam o contato com o seu lado sensível e emocional. Pode daí ocorrer a percepção de respostas às próprias indagações e o reconhecimento da própria capacidade em construir a própria história, o reconhecimento do seu momento emocional e o vislumbrar de ações e comportamentos para rever e, se necessário, mudar seus paradigmas, redirecionar-se.

*Criando* é o penúltimo capítulo do livro. Nele o autor mostra o desenvolvimento dos oito encontros, o vivencial, as ocorrências, as percepções, as descobertas dos participantes e as do pesquisador.

E, por fim, no último capítulo, *Reflexões*, o autor compartilha o que a pesquisa lhe mostrou sobre os aspectos da dinâmica relacional entre as gerações. Entre eles, merece relevância a quebra de estereótipo a respeito dessa relação, uma relação em que o amor e o respeito se fazem presentes e se fortalecem com o contato.

O livro traz ainda uma bibliografia para quem se interesse em aprofundar-se no assunto.

Data de recebimento: 29 de Novembro de 2010.

Data de aceite: 29 de Novembro de 2010.

## Resumo de Monografia

CIASCA, Eliana Cecilia<sup>9</sup>. **Arteterapia e Metaconceitos na Terapia Familiar Sistêmica.** Monografia (Especialização em Terapia Familiar). São Paulo: Departamento de Psiquiatria/Escola Paulista de Medicina/UNIFESP, 2009. Orientadora: Maria Rita D'Angelo Seixas. Co-orientadora: Eliane Malheiro Ferraz de Carvalho.

A família, primeiro núcleo no âmago do qual o indivíduo se percebe no mundo, é de vital importância para a formação de seus valores e seus futuros padrões de comportamento. O sujeito traça todo o desenrolar de sua vida através dos modelos aprendidos a partir das figuras parentais, que tanto podem ser amorosos e responsáveis, como o inverso. Não se afirma que o indivíduo esteja fadado a reproduzir exatamente o que aprendeu, mas é desejável que consiga desenvolver uma vida equilibrada, onde a família funcional representa um papel fundamental. Neste contexto as abordagens da Terapia Familiar Sistêmica se propõem a auxiliar as famílias disfuncionais a encontrarem um caminho alternativo para suas questões de relacionamento. No presente estudo optou-se pelo Modelo dos Metaconceitos, por se tratar de uma abordagem ampla e abrangente e pela abordagem da Arteterapia, que em inúmeras circunstâncias, tem sido introduzida como mediadora na conversa terapêutica, sendo muitas vezes uma auxiliar de inestimável valor; proporcionar um encontro da conversa terapêutica com a utilização de recursos expressivos pode possibilitar momentos de grande riqueza. Este trabalho tem por objetivo evidenciar a aplicação da Arteterapia como abordagem na Terapia Familiar Sistêmica, segundo o referencial dos Metaconceitos. Após um ano e meio de atendimentos em

---

<sup>9</sup> Eliana Cecília Ciasca – Desenhista Industrial, Arte-educadora, Artista Plástica, Arteterapeuta e Terapeuta Familiar. Participou de inúmeras exposições. Arteterapeuta do Proad – Unifesp – Programa de Orientação e Atendimentos a Dependentes – dependências não-químicas. Arteterapeuta do programa "Estimulação Cognitiva e Funcional para Idosos" – Doença de Alzheimer no Instituto de Psiquiatria da USP – IPq. Atendimentos individuais, grupos e famílias. Co-autora do livro "Arte como Espelho: Experimentos em Arteterapia Gestáltica". Contatos: Rua Dona Inácia Uchoa, 177 – Vila Mariana / Av. Lacerda Franco, 946, apto. 133 – Aclimação – São Paulo-SP – CEP 015236-000. Telefones: (11) 3208-7256 - (11) 9911-6837. E-mail: [elianaciasca@uol.com.br](mailto:elianaciasca@uol.com.br). Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3540374789913054>.

Terapia Familiar, através de análise qualitativa, foi possível constatar que os recursos expressivos da Arteterapia adaptam-se ao Modelo dos Metaconceitos, auxiliando a esclarecer pontos de conflito e trazendo à tona sentimentos e pensamentos, além de proporcionarem equilíbrio às sessões.

**Palavras-chave:** Metaconceitos, Arteterapia, Terapia Familiar Sistêmica.

Data de recebimento: 29 de Novembro de 2010.

Data de aceite: 29 de Novembro de 2010.

## Resumo de Monografia

BLÁSIO, Silvana Di<sup>10</sup>. **Arteterapia com atores: desafios, encontros e contribuições**. Monografia (Especialização em Arteterapia). Campinas: CEFAS, 2011. Orientadoras: Máira Bonafé Sei e Karina Cyrineu Vale.

A monografia aqui apresentada tem o objetivo de relatar uma experiência de vivência arteterapêutica com um grupo de cinco atores entre quinze e vinte e oito anos, membros de um grupo de teatro. Foram realizados nove encontros de aproximadamente duas horas e meia no espaço de ensaios e apresentações do grupo, localizado na região central da cidade de Campinas. Os encontros aconteceram de forma estruturada, quando os membros do grupo compartilham uma tarefa ou um tema comum. Os atores usufruíram de um espaço de escuta que permitiu descobertas, elaboração e questionamento de seus assuntos internos. Este espaço, favorecido pela Arteterapia, mostrou-se importante no trabalho artístico deste grupo, resultando em um sentimento de liberdade de expressão individual dentro do coletivo. Esta experiência mostrou-se um campo de muitas descobertas para a arteterapeuta em formação, que também é atriz e pôde exercitar o desafio de empreender uma vivência arteterapêutica significativa dentro de um grupo com os mesmos referenciais de criação artística que os seus. Foi possível, também, refletir sobre a forma de trabalho da Arteterapia em grupos artísticos.

**Palavras-chave:** Arteterapia, Teatro, Atores.

Data de recebimento: 24 de Agosto de 2011.

Data de aceite: 24 de Agosto de 2011.

---

<sup>10</sup> Graduada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas; Mestre em Educação pelo Laboratório de Estudos Audiovisuais - OLHO -Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp; Especialista em Arteterapia pelo Centro de Formação em Saúde – CEFAS. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1430393763070224>. E-mail: [silvanablasio@gmail.com](mailto:silvanablasio@gmail.com)

## Resumo de Monografia

JOHNSON, Lilian Eloá de Mattos<sup>11</sup>. **Psicopedagogia à Luz da Arteterapia: Interfaces.** Monografia (Especialização em Arteterapia). São Paulo: Master School, 2009. Orientadora: Cristina Dias Allesandrini.

Este estudo tem como objetivo compreender as interfaces da arteterapia e psicopedagogia, surgiu de uma inquietação a respeito do processo de autoconhecimento e autonomia, na busca de uma aprendizagem significativa. A literatura acerca da Arteterapia aponta esta como uma ferramenta para intervenção terapêutica, que prima o uso de linguagens advindas do campo das Artes para promoção de expressão, aprimorando a comunicação de sentimentos e pensamentos. A Psicopedagogia é um campo que se ocupa das questões de aprendizagem. Considera-se que a Arteterapia, dada as suas características, dialoga com este campo. Essa interface entre psicopedagogia e arteterapia justifica-se quando um processo reflexivo é entendido como uma oportunidade de transformação, de ação construtiva. O objetivo de pesquisar esses dois campos de atuação, refere-se ao fato de que crianças com dificuldades de aprendizagem, apresentam baixa auto-estima, desconhecimento do seu próprio processo e certo descompasso nas relações escolares. É buscando uma complementariedade entre as áreas deste estudo que foi proposto um trabalho arteterapêutico com crianças de nove a treze anos, cuja relação de aprendizagem está comprometida. O trabalho foi realizado através de encontros semanais, de duas a três horas por um período de três meses. Levando-se em conta também, a interferência na sua integração escolar e social, objetivando o resgate do desejo de aprender. A intervenção grupal foi apoiada em um

---

<sup>11</sup> Graduada em Pedagogia, com ênfase em Educação Especial; Especialista em Psicopedagogia; Especialista em Arteterapia pela Master School. Atua nos campos de Arteterapia e Psicopedagogia junto à SAG – Grupo de Apoio ao Ser - <http://www.clinicasag.com.br/>. Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4015577526922654>. E-mail: [lmjohnson@terra.com.br](mailto:lmjohnson@terra.com.br).

referencial teórico de pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e da saúde, relacionando os conceitos e idéias existentes na literatura especializada sobre Arteterapia no campo da Psicopedagogia. Neste período foram coletados dados sobre a história de vida dos grupos, avaliação psicopedagógica e intervenções arteterapêuticas. A reflexão desta interface revelou a importância de edificar o trabalho psicopedagógico no fortalecimento do sujeito autônomo e consciente do seu processo. Através da produção artística a criança ou adolescente consegue “traduzir-se” tendo contato, de maneira simbólica, com seus conflitos e sentimentos. É um momento de entrar em contato com sua subjetividade e assim ampliar a consciência para uma transformação.

**Palavras-chave:** Arteterapia, Psicopedagogia, Aprendizagem, Autonomia, Autoconhecimento.

Data de recebimento: 20 de Outubro de 2011.

Data de aceite: 20 de Outubro de 2011.

## **NORMAS PARA PUBLICAÇÃO**

1. A Revista de Arteterapia da AATESP recebe trabalhos encomendados ou remetidos espontaneamente pelos autores para publicação nas seguintes seções: artigos de pesquisa, artigos de revisão teórica, relatos de experiência, resenhas e resumos de monografias, dissertações e teses.
2. Os artigos devem conter no máximo 20 páginas, incluindo as referências bibliográficas; as resenhas, 4 páginas; e os resumos de monografias, dissertações e teses, 1 página.
3. Os artigos situados dentro da categoria “Relato de Experiência” só poderão ser submetidos por profissionais arteterapeutas ou estudantes de Arteterapia credenciados às Associações Regionais de Arteterapia filiadas à UBAAT – [www.ubaat.org](http://www.ubaat.org).
4. O autor deve enviar o trabalho para o e-mail [textos.aatesp@gmail.com](mailto:textos.aatesp@gmail.com), em extensão “.doc”, com fonte Arial, tamanho 12, formato A4, com margens de 2 cm e espaçamento duplo. As referências devem ser inseridas ao final do texto e as notas de rodapé devem se restringir àquelas efetivamente necessárias.
5. Os artigos devem ser acompanhados de resumos, com até 200 palavras, além de um mínimo de 3 Palavras-chave. O título, o resumo e as Palavras-chave devem ser apresentados em português e inglês.
6. No envio do trabalho, o autor deve encaminhar arquivo com carta assinada em formato “.jpg” ou “.pdf”, explicitando a intenção de submeter o material para publicação na Revista Arteterapia da AATESP, com cessão dos direitos autorais à Revista.
7. O nome do autor ou quaisquer outros dados identificatórios devem aparecer apenas na página de rosto. O título deve ser repetido isoladamente na primeira página iniciando o texto, seguido do resumo e Palavras-chave, conforme instruções do item 6.
8. O autor deve anexar, na página de rosto, seus créditos acadêmicos e profissionais, além do endereço completo, telefone e e-mail para contato.
9. Não deve haver ao longo do texto ou no arquivo do artigo qualquer elemento que possibilite a identificação do(s) autor(es), tais como papel timbrado, rodapé com o nome do autor, dados no menu “Propriedades” do Word.
10. O conteúdo do trabalho é de inteira responsabilidade do autor.

## **PROCEDIMENTOS DE TRAMITAÇÃO DOS MANUSCRITOS**

A partir do recebimento do trabalho, é feita uma verificação inicial do mesmo pela Comissão Editorial, relativa ao cumprimento das Normas de Publicação estabelecidas pela Revista. O não cumprimento das mesmas implica na interrupção do processo de avaliação do manuscrito.

Após essa primeira etapa, o trabalho é enviado a dois pareceristas, sendo que neste processo de avaliação nem autor e nem os pareceristas são identificados. A Comissão Editorial fica responsável por todo o processo de comunicação com o autor e com os pareceristas. Em caso de

impasse quanto aos pareceres recebidos, a Comissão Editorial se encarregará de chegar a uma decisão final.

Quanto ao parecer, o trabalho encaminhado pode ser:

- Aprovado;
- Aprovado com necessidade de reformulações;
- Reprovado.

Cabe ao autor decidir se aceitará ou não as orientações para reformulações do trabalho encaminhado, no caso das mesmas serem sugeridas, lembrando que a não reformulação implica no não aceite final para publicação na Revista.

### **ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE PARECER**

Será utilizado para o parecerista o seguinte roteiro de apreciação e avaliação dos trabalhos:

1. O trabalho encaminhado se enquadra na linha editorial da revista?
2. O trabalho corresponde a uma contribuição significativa para publicação na Revista, tendo em vista a linha editorial da mesma?
3. O trabalho encaminhado especifica claramente tema e objetivo?
4. No caso de artigo, o resumo e as Palavras-chave são objetivos e fidedignos à proposta apresentada?
5. O trabalho cita bibliografia significativa e atualizada para o desenvolvimento do tema?
6. O trabalho faz referências bibliográficas conforme normas da Revista?
7. O trabalho realiza coerentemente seu objetivo?
8. Há erros de compreensão dos autores citados?
9. Há erros nas citações utilizadas?
10. O objetivo declarado é atingido?
11. O material deve ser revisado em termos estilísticos, ortográficos e gramaticais?
12. O texto é aceitável para publicação? Em caso positivo, especificar se: em sua forma atual; com necessidade de reformulações;

### **REFERÊNCIAS e CITAÇÕES**

Os trabalhos devem seguir orientações estabelecidas pela norma NBR-6023 da ABNT, quanto a:

#### **a) Referências bibliográficas.** Exemplos:

Livros

RHYNE, J. **Arte e Gestalt**: padrões que convergem. São Paulo: Summus, 2000. 279p.

#### Capítulos de livros

NOGUEIRA, C. R. Recursos artísticos em psicoterapia. Em: CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004. p. 219-223.

#### Dissertações e teses

VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. Ribeirão Preto, 2003. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

#### Artigos de periódicos

BERNARDO, P. P. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, v. 2, n. 2, p. 8-23, 2006.

#### Trabalho de congresso ou similar (publicado)

SEI, M. B. e GOMES, I. C. Family art therapy and domestic violence: a proposal of intervention. In: IARR Mini Conference, 2005. **IARR Mini-Conference Program-Abstracts**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. p. 23-23.

#### **b) Citações de autores no decorrer do texto (NBR 10520/2002)**

Citações são elementos extraídos de documentos pesquisados e indispensáveis para a fundamentação das ideias desenvolvidas pelo autor. As citações podem ser diretas e indiretas.

A forma de citação adotada pela Revista será o sistema **autor-data**. Neste sistema a indicação da fonte é feita: pelo sobrenome de cada autor ou nome de cada entidade responsável, seguido(s) da data de publicação do documento e da(s) página(s) da citação, no caso **de citação direta**, separados por vírgula e entre parênteses. Exemplos: “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados.” (VALLADARES, 2008, p. 81)

#### **Ou,**

Valladares (2008) explica que “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados” (p.81).

**Citações diretas com menos de três linhas** devem vir entre aspas duplas, no próprio corpo do texto. Exemplo:

Allessandrini (1996) aponta que “a expressão artística pode proporcionar ao homem condições para que estabeleça uma relação de aprendizagem diferenciada” (p. 28).

**Citações diretas com mais de três linhas** devem ser restritas ao mínimo necessário e não exceder 10 linhas. Quando utilizadas devem figurar abaixo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra 10 e sem aspas.

Exemplo: Goswami (2000) explica que:

nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (p. 67)

**Citações indiretas** devem traduzir com fidelidade o sentido do texto original do texto e geralmente tratam de comentários sobre ideias ou conceito do autor. São livres de aspas e não precisam de página. Exemplos:

De acordo com Freud (1972) os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio.

**Ou,**

Os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio (FREUD, 1972).

Não se indica a inserção de notas de rodapé, que devem se restringir ao mínimo necessário. São digitadas dentro das margens ficando separadas do texto por um espaço simples de entrelinhas e por filete de 3 cm a partir da margem esquerda.